

TESTEMUNHOS DA DIÁSPORA FEMININA: RESSIGNIFICANDO A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA NOS ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO

TESTIMONIES OF THE FEMALE DIASPORA: RE- SIGNIFYING THE INFLUENCE OF THE MOTHER TONGUE IN HOST SPACES

Regina Aurea Leão de Castro¹

RESUMO: Este trabalho aponta a presença de complexas relações de supremacia nas condutas linguísticas. Na análise comparativa de dois grupos bilíngues de instituições para idosos em São Paulo, este estudo mostra o valor do capital que uma das línguas possui em comparação com a outra. O espaço de acolhimento dessa fase da vida vai propiciar a troca das experiências através das narrativas do uso da língua materna ou a língua adotada.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Fala; Bilinguismo; Gênero; Dominação.

ABSTRACT: This project points at the presence of the complex dominance relations present in linguistic behaviour. In the comparative analysis of two bilingual female groups from institutions for the elderly in São Paulo, this study shows the capital value one of the languages possessed compared to the other one. The elderly house in this phase of life will provide the exchange of experiences through the narratives by using the mother tongue or the adopted language.

KEYWORDS: Woman; Speech; Bilingualism; Gender; Dominance.



10.23925/2176-4174.34.2025e68868

Recebido em: 05/11/2024.

Aprovado em: 10/02/2025.

Publicado em: 16/02/2025.

¹ Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP). Universidade de São Paulo. ORCID <https://orcid.org/0009-0008-9848-3464> E-mail reginaleaodecastro@gmail.com

Introdução

Num trabalho comparativo entre mulheres, idosas, bilíngues residentes em instituições em S. Paulo, este artigo tenta desconstruir a assertiva de que o único fator determinante no diferencial da jornada profissional das mulheres seja o gênero. Embora este tenha sido o critério predominante na comparação com as oportunidades da jornada profissional masculina, ele não mais se aplica quando as mulheres detêm poder. Apesar de o gênero ser o ponto chave desta análise, trago, primeiramente, uma breve abordagem dos estudos sobre a fala feminina e, em seguida, sobre o poder atrelado ao domínio das línguas.

Os estudos que antecederam as reflexões que articularam sociedade e língua preferiram tratar esta última como um sistema fechado a ser estudado sem influências externas. Dentro desse sistema fechado, circulavam interpretações sobre a fala feminina como sendo efêmera e cambiante ao contrário da do homem que era a norma. Esse pensamento se dissemina por todos os segmentos, por exemplo, nos livros clássicos; em *Northanger Abbey*, de Jane Austen, a fala da mulher é ridicularizada, neste caso, pela própria autora devido ao uso excessivo de advérbios, algo em moda na época e considerado fútil (Coates, 1986:17). Da mesma forma os gramáticos e escritores de obras como dicionários consideravam a língua do homem como sendo a norma e a da mulher do desvio, ou seja, o que se desviasse da norma seria passível de crítica. Assim, a concepção da língua como algo estático perpetuava a presença de um modelo, uma norma a seguir que era a do homem. Esta noção também está presente nos estudos sobre os aspectos gramaticais que apontam falhas quanto à correção gramatical da escrita da mulher.

Antes do século XIX, quase que somente aos homens cabia o direito de estudar com algumas exceções feitas às mulheres privilegiadas que tinham acesso à alfabetização. A escrita era de domínio masculino e havia grandes críticas e zombaria à tentativa de escrita pelas mulheres, referindo-se a uma ordem gramatical dos elementos das frases. A língua era fixa e a fala do homem tida como padrão. Até mesmo uma grande estudiosa do gênero, já em tempos modernos, quando opinou sobre a continuidade da predominância do artigo masculino, manifestou-se contra a mudança das regras: (...) *I feel that an attempt to change pronominal usage will be futile* (...) (Lakoff, 1975:45).

Segundo Otto Jespersen, um professor dinamarquês de língua inglesa, um recurso feminino na fala é o uso excessivo do advérbio “so” (tão). Para ele, a fala da mulher contém um número imenso de frases assim: “Ela é tão engraçadinha”, “isto é tão encantador”, “*elas interrompem as frases, deixando-as semiacabadas, pois começam a falar sem pensar o que vão continuar falando*.” (Jespersen apud Coates, 1986:19). Este mesmo autor sustenta que a fala da mulher - rápida, fluente e ilógica - reflete uma rapidez de raciocínio e percepção essencialmente rasos. Num experimento onde homens e mulheres têm um parágrafo para ler e depois comentar, as mulheres foram mais rápidas e conseguiram se lembrar mais do que os homens. O autor justificou o resultado como decorrente do fato de que a mulher absorvia melhor o que lia devido aos vários compartimentos vazios da sua mente, enquanto o homem tinha que refletir e fazer um exame mais profundo, daí sua lentidão. Jespersen representa bem a posição dos estudiosos das diferenças entre a fala do homem e a da mulher cujos pensamentos se inserem em uma época em que se naturaliza uma condição socialmente construída.

A ideia de naturalização do gênero como algo essencial, imutável, foi dando lugar ao tema da dominação, do poder (qualquer que seja ele) na manifestação da língua pois, indubitavelmente, as pessoas são instruídas para um bom desempenho, socialmente falando, quer dizer, como agir, como se expressar, como se sentir em situações específicas socialmente institucionalizadas.

Esse poder, mais do que um privilégio individual, é na verdade uma rede de relações exercida principalmente através da produção, acúmulo e funcionamento de vários discursos. As relações de dominação sempre se mostraram pelo domínio de uma língua sobre outra, ou de status que estilos linguísticos impõem entre as classes sociais. O que Bourdieu nos esclarece é que a partir do momento em que se olhar as diferenças linguísticas como resultado da relação de dominação, qualquer que seja ela - homem sobre mulher, colonizador sobre colonizado, branco sobre negro e outros - poderemos entender por que há situações em que a mulher é a detentora do poder se possuir uma língua dominante sob o ponto de vista econômico.

O que quero dizer é que o determinante das mudanças foi algo maior do que a diferença entre os sexos. Por trás dessa diferença, existe o poder que conduzirá o comportamento

linguístico dentro de uma língua ou de uma língua para outra. As relações de dominação sempre estiveram presentes na manifestação das línguas. (Castro, 2001:32).

Primeiramente, os estudos que analisaram as diferenças entre a fala do homem e a fala da mulher concluíram que esta, por sua subordinação, apresentava um comportamento linguístico feminino, fazendo jus ao que se esperava, pois o homem era a norma, o exemplo, além de ter o acesso privilegiado aos saberes institucionalizados, o qual era negado à mulher.

Contudo esse quadro iria ser novamente alterado quando a mulher foi acolhida pelo mercado de trabalho onde demonstrou suas competências, dentre as quais o domínio de línguas estrangeiras. Se pensarmos no papel organizador da língua estrangeira, teremos um exemplo da relação de força linguística: a escravização cultural que estabeleceu associações de *poder*, de *força*, de *santidade*, de *verdade* (Bakhtin, 1979:87). Porém, segundo Bourdieu (1986), uma competência só tem valor quando há mercado para ela, fato válido também para o domínio das línguas. O autor irá substituir a noção de competência pela noção de capital linguístico cuja posse resultará em maiores ou menores lucros linguísticos e simbólicos. Foi este viés que conduziu o estudo que relato a seguir através das entrevistas com as mulheres inglesas e com as alemãs naquilo em que o domínio da língua foi determinante para o mercado de trabalho.

O intuito de pesquisar as mulheres asiladas foi o fato de poder encontrar falantes da mesma língua estrangeira concentradas no mesmo espaço de acolhimento. Isso favoreceu descobrir o quanto o domínio de suas respectivas línguas lhes tinha trazido benefícios ou não, depois de uma longa jornada no país estrangeiro. Foi este viés que conduziu o estudo que relato a seguir através das entrevistas com as mulheres e com as alemãs no contexto desses espaços.

Busquei em duas casas de idosos, mulheres inglesas de um lado e alemãs de outro, evidências que o privilégio de possuírem línguas estrangeiras lhes tinha proporcionado em suas vidas - ao mesmo tempo que falassem línguas diferentes apresentassem características similares, que, no caso foram de lugar e idade. Dentro dos grupos, a diferença na aquisição da segunda língua foi igualmente significativo; se por um lado, as inglesas foram estimuladas a adquirir a língua do país em que viveriam, sem contudo, abandonar seu idioma, pelo contrário, praticando-o sempre

com a família, as alemãs não receberam este incentivo; para estas, a aquisição da Língua Portuguesa foi de certa forma, uma imposição da situação - acompanhar os maridos numa nova (porém não voluntária), experiência profissional- enquanto que o seu idioma (alemão) foi aos poucos se tornando de pouca serventia no dia a dia da comunidade em que passaram a viver e compartilhar com a família. Esta situação é tratada por Bourdieu como resultado de um capital linguístico que uma das línguas possui (inglesa) enquanto a outra (alemã), não.

Não foi difícil encontrar as casas para idosos já que, hoje em dia, há uma grande demanda para o aparecimento dessas instituições. Atualmente, o envelhecimento populacional desencadeou um grande interesse na sociedade pelas pessoas da terceira idade, seja pelo ângulo social ou pelo econômico, por se tornar um grande atrativo para o mercado, tanto mais quanto mais alta for a classe social a que pertencem os idosos. Como resultado, evita-se falar em asilo pela associação que esta palavra tem com *Depósito de Velhos* ou *Sala de Espera*", (Debert, 1999:99). Ao invés disso, prefere-se nomear essas instituições como *Casa de Repouso para Idosos*, *Congregate Housings*, *Casa da Melhor Idade*, *Casa de Acolhimento* e outros, o que muda totalmente a conotação, associando-se a idade avançada a atividades prazerosas, dignas e ao bem-estar que as instituições pretendem oferecer.

Dois dos aspectos abordados neste estudo- gênero e idade- colocam as mulheres numa situação de "dupla vulnerabilidade" (Debert, 1999:140). A explicação é que, sendo as mulheres valorizadas pelo papel reprodutivo, pelo zelo com o lar e crianças, terão o vazio marcando essa etapa em suas vidas: os filhos crescem, saem de casa e não mais precisam dos cuidados da mãe; por isso, o lar exige muito menos dedicação doméstica. A velhice terá para essas mulheres o significado de inutilidade comparada à vida madura marcada pela utilidade. As mulheres alemãs deste estudo, exclusivamente dedicadas aos filhos e às tarefas do lar, se encaixam neste perfil. Aponto isso no trecho de uma das entrevistas abaixo descrita em que uma senhora alemã, ao ser perguntada sobre língua preferida nas festas, revelou o conceito de lar ao se referir à sua casa anterior como seu lugar e não a instituição onde estava morando.

Pergunto a uma residente alemã:

Bem, aqui é português, mas na “**minha casa**” é meu, meu, né, quando falo com meu filho falo alemão, quando a “outro” família está “xjunto”, então tem que ser “a português”. ²

As inglesas, por seu lado, por não terem sido exclusivamente donas de casa pois saíram para o trabalho que sua língua lhes garantia, aceitam o isolamento dos estabelecimentos para idosos com muito mais naturalidade. Contudo, durante uma visita, uma das entrevistadas se revelou extremamente inconformada com a sua situação, como se o novo lugar onde se encontrava agora fosse realmente um deserto de solidão. Ao ver vários bibelôs, uns em miniatura, dentro de uma cristaleira de madeira escura logo na entrada do quarto, fez um elogio ao qual responde Edith:³

That's in what you are reduced when you move here...that's “your house” here,... from everything you had in a house surrounding you...imagine..now... your house is a piece of furniture! Not fair! (ela assim falou sacudindo a cabeça em desaprovação enquanto caminhava com dificuldade para seu assento pois mancava em uma perna. Ela pareceu-me muito inconformada).

A *velhice asilada*, como nomeia Debert (1999:100) difere da velhice não pertencente a instituições. Nos dias de hoje, o confinamento para uma casa de repouso é visto de uma maneira menos negativa do que há algum tempo, haja vista a grande demanda para o aparecimento das instituições para a velhice e, segundo as explicações dadas pela autora acima,

mudanças estruturais nas sociedades modernas alteraram a situação dos velhos: a urbanização, a família nuclear e a entrada das mulheres no mercado de trabalho com a consequente impossibilidade de dedicação efetiva aos velhos por parte delas” (Debert, 1999:103).

Ora, se as mulheres, de um modo geral, foram por muitas gerações as responsáveis por outras mulheres - mãe e/ou sogra - na velhice, a situação agora é outra. A suposta *cuidadora* dessas senhoras está atuando no mercado de trabalho e, portanto, não pode lhes prestar cuidados. Também não se prestarão a isso os homens, pois numa sociedade predominantemente masculina, não serão eles que se ocuparão de pai e/ou de sogro. O que nos leva a concluir que serão as mulheres

² As entrevistas contêm interferência da língua materna (pronúncia, concordância) para manter a autenticidade das falas

³ Utilizo nomes fictícios ou iniciais nas entrevistas transcritas em itálico, fonte 10

as responsáveis ou mesmo *culpadas* por terem mulheres de relações familiares em asilos.

Debert (1999:100), ao trabalhar com a velhice asilada, define duas orientações como forma de tratamento aos idosos: uma transforma o “*idoso em historiador legítimo e imprescindível do passado*” fazendo minhas as palavras da autora, porque leva em conta que o velho é um depositário de sabedoria que os anos vividos lhe proporciona; nesta orientação se valoriza a história que o velho conta através de sua memória, um bem de valor. A outra orientação utiliza-se de técnicas psicodramáticas para dissociar a negatividade da solidão encontrada nesses grupos cujos destinos estão ligados pela idade cronológica. Foi com o primeiro tipo que me deparei para adquirir os dados deste artigo pois as instituições que visitei tinham o objetivo de propiciar um ambiente familiar por concentrarem idosos da mesma nacionalidade. Como disse Debert,

mas a tendência, de uma maneira geral, é ver a etnicidade como um elemento que transforma a velhice numa experiência bem-sucedida, ou pelo menos num fator mitigador das dificuldades enfrentadas pelos idosos. A etnicidade teria vantagens por razões diversas. É um fator que congrega idosos com a mesma identidade étnica e/ ou religiosa, pois oferece uma rede de relações e associações formais e informais independente das relações familiares (Debert, 1999:91).

Nesse aspecto, os dois grupos que entrevistei foram privilegiados.

Casa Alemã

A casa alemã é uma instituição particular que, a princípio, recolhia somente alemães, mas na época deste estudo, era aberta a homens e mulheres de quaisquer nacionalidades acima de 75 anos. Dentre os residentes, a maioria é de mulheres. Aliás, esta informação é generalizada porque, como são os homens que, geralmente, morrem mais cedo, algumas viúvas se deslocam para esses estabelecimentos. Esse quadro está se revertendo hoje em dia pela vida profissional atuante da mulher moderna, porém não era característica dos grupos na época em que fiz este estudo.

A instituição reconhece diferentes religiões como Católica, Evangélica, Batista, Adventista. As moradias estão situadas em um vasto terreno onde existem dependências de vários tipos: as casinhas individuais e os apartamentos compartilhados por mais de um/uma residente. As pequeninas casinhas contam com uma diminuta área de serviço, salinha e quarto. Variando de casa para casa, as janelas possuem floreiras o que dá um aspecto europeu ao local. Essas moradias, onde moravam 210 pessoas na época da pesquisa, são distribuídas em pequenas

ruas por onde possa circular a perua que transporta alimentos, medicamentos etc. O estilo de construção das casas é, predominantemente, europeu com telhados bem inclinados, próprio de lugares onde neva; também há a preocupação com a qualidade de vida que o lugar possa oferecer- existem árvores que atraem pássaros e um lago com chafariz em volta do qual os residentes passeiam durante o dia. Outro espaço social é a biblioteca com mobiliário clássico tendo, entre os materiais disponíveis, publicações em alemão, inglês e português; para os idosos que necessitam de cuidados médicos, o lugar oferece um amplo hospital (assim o chamam) que também é usado pelos dentistas. Pergunto a uma senhora alemã:

Aqui é uma casinha p'ra cada pessoa?

Clau -Deixo explicar p'ra você como que é: nas casinhas moram casais e também mora uma pessoa. E depois tem quarto duplo e tem quarto individual. Eu moro em quarto duplo com um amiga (interferência língua materna)minha 6 anos. Escuta, (se dirigindo às outras), como que chama "....." (diz uma palavra em alemão) em português?

Anna- Sociedade.

Berta - Asilo.

Clau - Não, asilo, não! Esse é inteiro, porque eu não moro num pavimento só, como ela, eu moro numa casa que tem 14 quartos.

Anna - Casinha.

Berta - A senhora mora num apartamento.

Clau - É melhor dizer apartamento.

Berta - Não! Não é melhor, é o certo!

Casa Inglesa

A casa inglesa, era localizada num bairro da zona sul quando fiz este estudo, mas a mudança para um espaço mais amplo estava sendo providenciada. A casa oferece uma infraestrutura completa aos seus residentes que, por determinação interna, deviam pertencer à Comunidade Britânica que financia a entidade.

As moradias são iguais e individuais - quartos para onde os residentes trazem algumas peças de mobília e pertences. As áreas comuns como o *lounge*, a biblioteca e a sala de refeições seguem o padrão inglês na sobriedade e requinte. As áreas de apoio (enfermaria, lavanderia e escritório) são modernamente equipadas. Há um pequeno jardim onde os residentes passam algum tempo entre as refeições sentados nos bancos ao longo das paredes da casa ou, ao redor de uma mesa embaixo de um guarda-sol. Os residentes foram cercados de atenções pelos funcionários em todo o tempo em que lá estive.

Os Encontros

Esse trabalho de campo constou de histórias de vida que, por um lado, traziam a memória de fatos do passado e, por outro lado, mostravam uma ligação com o presente através do objeto estudado que foi a língua. A pesquisa foi gratificante, mas somente avançou quando ganhei confiança das participantes. Se as surpresas apresentadas foram ricas quanto à informação obtida, houve também uma certa resistência pelo estranhamento e suspeita que o meu estudo despertou. Como pesquisadora, considerei essa reação como normal e, aos poucos, o contato estabeleceu a confiança necessária para a minha pesquisa. Percebia que nos primeiros momentos dos encontros, as informantes pareciam poupar suas respostas à medida que iam estudando as minhas perguntas. A expectativa que a minha presença criava trazia uma certa surpresa nelas pois o meu interesse recaía em tudo que lhes era muito *familiar e corriqueiro*, ou seja, *destituído de importância*, (na acepção de uma delas), segundo as verdades ditas como absolutas.

Em outras palavras, o estranhamento inicial que elas sentiram era porque não imaginavam a importância de suas histórias de vida que constituíam o tema dos encontros. Aos poucos, fui percebendo que as mulheres entrevistadas se abriam nos seus relatos resultando numa gradativa proximidade que geralmente une informante ao pesquisador, os inserindo numa relação de solidariedade mútua. Essa interação passou a estabelecer relações entre as residentes e eu que tomava nota das observações, dos longos depoimentos criando-se, assim, um espaço onde os dados individuais iriam fazer parte de um grande mosaico social.

Para a obtenção desses dados fiz uso de um questionário e gravações, sendo este o melhor recurso, pois as mulheres alemãs, donas de casa na vida que tiveram fora das instituições, não tinham recebido instrução formal da língua do país adotado e, conseqüentemente, mostravam grande dificuldade de escrever em português. As inglesas, por seu lado, tinham tido formação escolar privilegiada, e dariam perfeitamente conta do preenchimento do questionário, porém, por causa do recurso das gravações, eu tomei a iniciativa de completá-lo, o que elas acompanhavam com grande interesse e vigilância. Fiz isso para usar o tempo para as gravações que eram extremamente ricas, mas sem deixar de levar em consideração as palavras de Preti.

É preciso ter presente que as circunstâncias desse diálogo, com situação e tema “encomendados” pela audiência, não poderão refletir uma conversação absolutamente natural, o que ocorreria se a gravação tivesse sido secreta. (Preti, 1991:54).

O questionário, a princípio, serviu como um guia de orientação para que as entrevistadas enquadrassem suas experiências relatadas dentro de uma problemática, e para que se sentissem mais à vontade ao saberem o porquê da minha pesquisa, mas como diz Bourdieu, (1983:83) “(...) *uma situação linguística jamais é propriamente linguística* (...)” havia todo o contexto em que elas estavam inseridas e que determinaria (inicialmente) as preferências sobre os assuntos sobre os quais falariam. De qualquer maneira, as perguntas contidas nos questionários faziam parte de uma seleção prévia para conduzir as conversas tendo em vista o meu interesse de investigação.

No caso da sociedade alemã obtive uma acolhida menos desconfiada por parte dos dirigentes do que na entidade inglesa, quadro que curiosamente depois se reverteu. Devo dizer que essa postura se estendera também entre algumas residentes pois as alemãs ficavam ansiosas por minhas visitas - havia uma grande preocupação de vestir-se bem, com *colarzinho de pérola* ou *broche* em cima de um vestido de boa aparência, que, talvez, fosse para mostrar seu reconhecimento ou simplesmente o reflexo da vaidade feminina. Ou talvez tivesse sido porque ao longo de suas vidas como donas de casa, qualquer oportunidade social sempre fora vista como importante, demandando assim uma aparência razoável.

No caso das inglesas, a despreocupação com a aparência denotava maior naturalidade explicada pela razão inversa da das alemãs: as mulheres inglesas por terem sempre trabalhado como secretárias, passaram a vida cuidando da aparência que a profissão demanda e não seria a minha presença de pesquisadora acadêmica que as motivaria para o uso de uma roupa mais cerimoniosa.

Também ao contrário das alemãs que pareceram inicialmente confiantes e ansiosas em transmitir suas experiências, as inglesas pediam explicações sobre o porquê do meu interesse. Naturalmente isso refletia que o fato de terem trabalhado lhes transformou em pessoas mais desconfiadas, mais preocupadas em avaliarem o teor real do objetivo dos encontros. Entretanto, em ambos os casos, assim que se desenrolava a entrevista, desaparecia o motivo da inquietação e elas ficavam mais à vontade tornando a contribuição voluntária.

Qualquer assunto que se lhes venha a perguntar cria nos interlocutores uma preocupação bem marcada ao longo do diálogo de esclarecer fatos, especificar coisas, rememorar pessoas, locais cujos referentes, não raro, estão comprometidos com o tempo passado e, portanto, são desconhecidos da

audiência (no caso, eu), bem mais jovem do que os interlocutores. (Preti, D, 1991:54/55).

O tema das sessões era saber se tinham praticado a língua do seu país no Novo Continente, porém isto gerou uma série extremamente rica de interessantes narrativas de vida numa releitura do passado. Claro que para muitas, esse passado era normalmente povoado de recordações tristes; no caso das alemãs o fator *guerra* tinha ficado marcadamente presente em suas vidas.

Creio que a diferença de sentimento, com relação à guerra dada pelos dois grupos, é digna de ser mencionado. Se para as alemãs isto era motivo de vergonha e, portanto, de ocultação, para as inglesas à guerra se associou o heroísmo. Abaixo o que diz uma das senhoras:

BIA - *This is one of my brothers* (ela disse isto mostrando uma foto no armário de um jovem usando um uniforme). *He was in the war.*
- Oh! Did he die there?

BIA- *No, he died a few years after it.*

- Tell me something about him.

BIA- *He was in the Scottish Regiment, very famous Scottish reg...*

- Did he decide to volunteer in the war....?

BIA-..... *Yes, he decided to volunteer. It's funny that difference between Brasil and England. If you anything, the English..... when the war broke up, the English immediately volunteered. Whereas the Brazilian are not used to have any war, and I don't think they are very keen..... whereas the English, if you don't volunteer, you're not very well looked on.*

As inglesas pareciam apreciar em fornecer dados profissionais nas suas entrevistas, pois tinham tido a vivência profissional que as alemãs não tiveram. Falavam dos seus ex-chefes, empregos e formação escolar com bastante orgulho por possuírem um idioma exigido no mercado de trabalho. A família estava presente nas lembranças do passado entre as mulheres inglesas, mas as alemãs exploravam muito mais esse aspecto, possivelmente por terem sido donas de casa em tempo integral. Suas recordações falam dos filhos, maridos e respectivas carreiras, parecendo que tinham vivido, juntamente com eles, os aspectos profissionais na medida em que isso lhes fosse permitido. As inglesas, ao contrário, não *incorporaram* as carreiras das famílias, já que tinham tido suas próprias e destas carreiras, tinham muito o que falar.

Nesta etapa da vida dentro das instituições de acolhimento, dizem as pessoas, é como se houvesse um desligamento dos papéis sociais que foram antes

representados e que novos papéis serão adquiridos num espaço comum a todos. Contudo, se nesta mesma etapa pressupõe-se que os idosos se desprenderão das angústias que os perseguiram na juventude, muitas pessoas se surpreenderão em saber que o espaço que os acolhe não garante isso e que conflitos, disputas e inconformidades estarão presentes como quando eram jovens. Diz Debert (1999:95): *“Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução.”* O que pude ver nas duas instituições corrobora essa afirmação. De fato, na entrevista em conjunto que me foi possível na casa alemã, 3 mulheres demonstravam uma certa hostilidade em relação à mais velha de todas (80 anos) que sempre tomava a palavra e não permitia na sua narrativa que as outras interviessem com suas opiniões. Foi preciso que eu estabelecesse um critério para que todas tivessem a chance de falar. A nostálgica reconstrução do passado não impedia atitudes competitivas e conflituosas entre elas.

Educação

A educação que as residentes da casa inglesa receberam exigia o uso da língua inglesa na maior parte do tempo, fato inexistente na educação das alemãs com relação ao idioma alemão. As famílias inglesas empenharam-se em perpetuar o idioma, visto que isto iria *“retraduzir distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção”* (Bourdieu, 1996:42). Essa prática iria redundar na posse de um capital linguístico produzindo um lucro de distinção em cada troca social. Além disso, todas as residentes foram enviadas para a Inglaterra a estudos, tenha sido por um período ou para cursos completos de escolaridade.

O peso determinante da aquisição do capital simbólico para as mulheres inglesas estendeu-se para as gerações que as seguiram, o que não aconteceu com as mulheres alemãs. A língua de origem destas não lhes proporcionou a acumulação de valores que lhes trouxesse lucros simbólicos, ao contrário das mulheres inglesas para as quais a posse do capital linguístico produziu alianças com o capital social. Por isso, dificilmente os filhos e netos das mulheres alemãs iriam ter a mesma motivação para aprender o idioma dessas senhoras, que os filhos e netos das mulheres inglesas tiveram para com a língua inglesa.

Língua Preferida

No questionário que elaborei, estabeleci alguns assuntos que poderiam ter feito parte do dia a dia, para saber qual foi a predileção para uma ou outra língua. Nota-se que tanto para as inglesas como para as alemãs, a preferência pela Língua Materna ficou clara, com exceção do tópico Vizinhança no qual, por razões óbvias, a língua usada teve/ tem que ser a Portuguesa. Isto demonstrou que o uso da língua materna sempre as deixou à vontade nas diversas situações do dia a dia, o que é absolutamente normal. Porém, a inversa também é verdadeira, ou seja - o quanto as mulheres bilíngues não devam ter se sentido à vontade em suas vidas, por força das circunstâncias, pelo fato de ter que se expressar em outra língua. Perguntei à Bárbara, uma residente inglesa):

Ok, right. And... this school you went later, Brazilian school,... didn't,... didn't contribute to your speaking more Portuguese than English, no?
B- No, because I tell you... at home we ahn... spoke English but with our neighbours, children, we spoke Portuguese.
So at home, did you speak English all the time?
B- Yes.

Dentro daquilo que Bakhtin chamou de “ideologia do cotidiano”, as mulheres bilíngues fazem uso da palavra, *neutra em relação a qualquer função ideológica específica* (Bakhtin, 1979:22), esvaziada de símbolos, pois ela (palavra), não representa nada em comparação aos signos de suas velhas línguas conhecidas, em condições de produção dentro da comunicação na vida ordinária fazendo minhas as palavras de Bakhtin (1979:23). Se, segundo o mesmo autor, a palavra é usada como signo interior, podendo funcionar sem expressão externa, como se expressarão então as pessoas bilíngues (no caso, as mulheres), em situações de imposição da segunda língua, onde não possuam ainda os meios da comunicação necessários e que irão certamente acarretar um bloqueio da manifestação exata do pensamento? Abaixo diz uma residente alemã:

As únicas palavras que eu sabia depois de um tempo aqui, eram : FEIRA, LIXO, PIA. Nada mais.”.(uma residente alemã)
É verdade! disse a outra.

Esse é um dado revelador do único espaço que a essas mulheres era reservado - a cozinha. Se sabemos que os signos são culturalmente construídos, as mulheres bilíngues limitadas no domínio da nova língua e desprovidas da posse linguística- no caso deste estudo, as alemãs- sofrem com a dificuldade de expressão pois, buscam palavras na língua materna que não funcionam na segunda língua. A manifestação do pensamento e das ideias fica assim truncada e prejudicada. Para as detentoras da língua com capital linguístico- as inglesas deste estudo- o problema não existe, porque

por sua língua representar prestígio, elas a usarão livremente e caberá aos outros, (os ouvintes), o trabalho de decodificá-la.

As residentes alemãs seguiam descrevendo a língua usada no novo país:

E então qual era a língua preferida em casa depois de um tempo no Brasil?" *questionei*.

Anna - Meu marido falava alemão comigo, mas, quando os filhos estavam perto ele mudava para o português.....para eles aprenderem.

Clau - Em casa, meu marido só falava alemão até as crianças irem para a escola.....depois ele mesmo preferia praticar o português.

Berta - Meu marido não... Ele falava alemão, mas aos poucos, ele ia respondendo as perguntas dos filhos em português.....porque os filhos só falavam em português.....Mesmo quando nós conversávamos, eu usava o alemão e ele, cada vez mais, o português.

Da senhora austríaca (Doris), não consegui obter resposta pois ela não entendera as perguntas. Segue abaixo a continuação de um depoimento de uma senhora inglesa:

Tenho uma série de assuntos aqui em baixo (na folha do questionário), e a senhora vai me dizer a língua que predominava em cada situação remetendo ao seu passado. Bom, no trabalho, que língua era mais usada?

Mildred - Inglês. Porque era mais valorizado, né?..... Era mais valorizado.

M - Inclusive era uma das razões por que eu tinha emprego.

Verdade! A senhora começou a trabalhar com que idade?

M - 19 anos. Quando eu me formei no Mackenzie.

Com a vizinhança qual era a língua que predominava?

M - Inglês.

M - Porque nós morávamos nas Perdizes e quando, nós mudamos p'ra lá, era tão ermo que brasileiro não queria morar lá no mato.

Em festas, qual era a língua que predominava?

M - Ou alemão ou inglês. Mas alemão só enquanto íamos meu pai nas festas de seus amigos. Depois acabou. Só ficou mais o inglês. Até hoje.

Mesmo que as residentes inglesas tenham me dito que se orgulharam de possuir dois idiomas, elas mesmas declararam suas preferências para com a Língua Inglesa. Perguntei:

I'm going to list to you some subjects and then you say which language do you prefer in each of them: Portuguese or English or both.

At work.

B- At work. Depended whose language the person is. My boss spoke very, very good English. Brazilian but spoke good English... before him, G. Thompson, my boss, he was American, so I thought...English.

At home with the domestic subjects, which language prevailed ?

B- ... with the family, always English.

O efeito do deslocamento nas mulheres alemãs foi mais expressivo do que nas inglesas. Como explica Bourdieu (1996:42), os locutores *desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se veem condenados ao silêncio*. Não falta às pessoas a capacidade natural de falar, mas a de falar a língua aceita como legítima, que retrata as distinções sociais,

quer dizer, não é uma questão de falar, mas de se fazer escutar e ser reconhecido. Segue o depoimento de uma alemã:

Doris: Com meu filho eu só falava alemão até ele ir para a escola".

Anna: A influência de fora é "maior"

Berta: Eu tinha dó do meu filho que só falava alemão quando começou a escola e ele não entendia nada...nada...em casa não tinha nada no livro porque não sabia..

Ao entrevistar as residentes, as narrativas de vida paralelas ao assunto da pesquisa foram revelando a diferença entre uma língua incentivada pelo aspecto econômico e de sucesso e outra não. Este aspecto se evidenciou também quando lhes perguntei qual língua era/é a preferida ao falar com os filhos; no caso da língua inglesa (língua de prestígio), as senhoras foram incentivadas (pelos pais) ou encorajadas a manter seu idioma de origem em tais domínios:

- no trabalho, pois era com esse idioma que trabalhavam (quase todas foram secretárias).
- no lar, pois tanto quando ainda eram crianças como quando já se casaram, suas famílias consideravam que ao se preservar o idioma de domínio internacional. os filhos teriam maior ascensão profissional.

Família

Dentro dos estudos das famílias, foi inevitável a abordagem da condição de imigrante que marcava a trajetória das mulheres tanto as inglesas como as alemãs, principalmente porque se, por um lado, os fatores em comum ao comparar as duas comunidades levantaram pontos conclusivos para a minha análise, por outro lado, os pontos divergentes se mostraram enriquecedores do ponto de vista da pesquisa, por exemplo:

- a representação internacional da cultura alemã e inglesa- enquanto uma (inglesa) possui capital linguístico, a outra não (alemã).
- a situação diferenciada em que ocorreu a imigração em cada uma das duas culturas: enquanto nas famílias de origem inglesa, a imigração se dera de maneira positiva, através de indicação profissional nas multinacionais para os chefes de família, nas famílias alemãs, o quadro era de fuga de uma guerra que assolava seu país, o que fatalmente marcou a imigração como sendo negativa.

Esses depoimentos das alemãs revelam aspectos sobre o deslocamento das pessoas: que estas pessoas não abandonam suas cidades a não ser por

circunstâncias extremas ou por uma oferta tal que torne suas vidas extremamente superiores às vidas em que levam nas suas cidades; ou, raciocinando pela ordem inversa: o mero fato de as pessoas terem fugido indica que precisam de ajuda. O fato é que as pessoas emigram na busca de um bem-estar maior digno de qualquer existência.

Ao serem indagadas sobre quem na família tinha sentido mais dificuldade ao aprender o idioma português, as residentes alemãs foram unâimes: “*FOMOS NÓS.*” Depois, foram se explicando melhor (ver abaixo).

Clau - O marido logo aprendeu...

Anna – As mulheres ficam em casa....

Anna- Meu marido!

Berta: Eu!

Clau: O marido, só... um pouco.... as mulheres ficam em casa!...

Doris: Meu marido..... mas.... eu achava mais difícil.

(...)

Doris - Meu marido falava alemão, italiano, iugoslavo e português.....Para ele foi muito fácil a língua Portuguesa- logo ele foi trabalhar na Mercedes..... As mulheres quando chegam aqui... foi mais difícil...

Nesse caso (as alemãs) ou no outro (as inglesas), o que se constata é que a diferença de imigração irá influenciar grandemente na aquisição da segunda língua, pelo próprio fato de vir espontaneamente ou não. Perguntei a uma residente inglesa:

- And... did you live with your stepparents.... for how long? All your life? Or did you live alone?

Barbara- No, I never lived alone. I lived with my mother, cared her until she died.

- All her life...

B- All her life.... My stepfather died before her.

- With your relatives which language did you prefer?

B- With my relatives?

-Yes.

B- English... Uncle, aunt. Well, I have no more relatives left, but...

- In the past. Did you have cousins?

B- In the past,... some cousins, because it was a big family that came out to Brasi...and.... my grandfather's family.. ..and the boys all married Brazilians or Italians and .. that part of the family didn't speak English. No, we spoke Portuguese with them.... when we were together.... which was not very often.

-Big family!

B- But, with the closer cousins, yes... always English. Everything.

Nota-se a preocupação das famílias inglesas em preservar a sua língua como forma de comunicação entre os seus membros. É como se, de quando em quando, as pessoas inglesas migrantes checassem se a sua língua estava sendo bem *conservada*, ou seja, não esquecida. Implicitamente as relações de dominação controlavam a manutenção da língua inglesa.

Trabalho

A posse de um *capital* linguístico maior que diferenciava as residentes inglesas das alemãs permitiu às primeiras terem acesso ao mundo dos negócios e tornarem-se profissionais enquanto as mulheres alemãs tiveram como trabalho as *prendas do lar*; em outras palavras, as inglesas trabalharam *fora* e as alemãs foram *donas de casa* porque estas não possuíam o idioma que lhes permitisse um emprego qualificado na época em que vieram morar no Brasil.

Outro ponto a ser notado é que atrelado ao emprego vinha o estado civil - a maioria das mulheres inglesa não se casou, enquanto todas as alemãs foram casadas. Para isso, Bourdieu nos reserva uma explicação.

As mulheres que atingiram os mais altos cargos-chefe, diretora, (...) têm que “pagar”, de certo modo, por este sucesso profissional com um menor “sucesso” na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos, etc.(...) ou, ao contrário, que o sucesso na empresa doméstica tem muitas vezes por contrapartida uma renúncia (...) ao sucesso profissional (Bourdieu, 1999:126).

Pelo depoimento das alemãs, constatou-se que não havia diferença entre a vida que levaram como donas de casa e mães, apesar de uma delas ter exercido o cargo de recreadora de parque infantil por algum tempo. Desnecessário mencionar aqui que esse cargo muito se assemelha à função de mãe, *cuidadora* de crianças e é, portanto, bem recebido na esfera dos empregos supostamente *femininos*. Nas entrevistas com as alemãs, perguntei:

As senhoras exerceram alguma profissão no Brasil?

Anna - *Doméstica*. (se referia a ser dona de casa)

Berta- *Recreadora*.

Clau- *Prendas do lar*.

Doris - *Doméstica*. (idem)

A minha busca dentro das duas comunidades bilingues em questão visou encontrar pontos comuns e divergentes no domínio da segunda língua no país adotado. Sem dúvida, sendo a narrativa da mulher o foco do estudo, havia todo um conjunto de fatores dignos de investigação como a dominação masculina, a problemática da minoria e da construção de nova identidade.

Debert (1999:103), quando fala sobre os velhos imigrantes, diz que, apesar dos esforços envidados, eles pagaram um alto preço por não conseguirem transmitir sua língua, o que igualmente me foi revelado nos depoimentos das alemãs ao contrário

das mulheres inglesas que entrevistei. Estas se tornaram profissionais independentes por possuírem o capital linguístico - o idioma inglês - e não foram atraídas para o casamento como forma de ascensão social. As que se casaram e se tornaram mães não esperam que suas filhas vão se ocupar de sua velhice - estas estão no mercado de trabalho usufruindo de oportunidades que o idioma lhes trouxe. Perguntei a uma residente inglesa

In your work, you used your English full time?

Barbara- Yes. I was.... always....

Always working at multinationals?

B - I started working in an American bank- actually, Citibank. And there I didn't use much English..., no, but that was only a beginning. And then I worked at the American Chamber of Commerce... I used a lot of English, there too and then I went to an advertising company which was G. Thompson... there I used...there I became a bilingual secretary and from there on...

All your life?

B - All my life, yes

(outro depoimento)

And what did you do?

E - I was a secretary. But I went back to work when my son went to study in England.

Pelas informações obtidas, as senhoras inglesas foram preparadas para o mercado de trabalho, onde explorariam seu idioma legítimo (muito embora, o fato de que tenham sido todas secretárias, revela a posição subordinada do papel da mulher- vai servir a algum homem, neste caso, o chefe).

Nesse aspecto de atividades ditas masculinas e femininas, diz Bourdieu:

Além do fato de que o homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se e realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a ideia de que ele possa realizá-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e cozinheira, entre o costureiro e costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas. (Bourdieu, 1999:75).

(Perguntei a outra residente inglesa)

Well, Mrs... which language do you prefer to use here?

B- For me... could be English.

As you like.... Your name... Sorry to ask you this. Did you work...have a job?

B- Yes, I worked ever since I was 14 years old.

What did you do?

B- I was a secretary... bilingual.

Here in Brazil?

B- Yes.

(...)

So you're telling me that you had worked as a secretary for a long time, is that so?

D - Yes. For 44 years!

Really? At what kind of company?

D - Multinational as they call nowadays. At that time they called "firma estrangeira".

No caso das senhoras alemãs, por não ser o seu idioma dominante internacionalmente, as situações foram inversas:

- língua usada no trabalho - dado inexistente, pois a maioria era dona de casa.
- no lar, aos poucos, foram falando a língua que o marido e os filhos traziam do mundo de fora e perdendo o seu idioma de origem.

Hoje em dia, que língua seus filhos dominam? perguntei.

Anna - Português, alemão e inglês. Mas o alemão é pouco.

Clau - Português e alemão, menos...

Berta - português...

Apesar da vantagem profissional que a língua representou para as inglesas, ainda assim, estas sofreram discriminação na escolha da profissão por serem mulheres. Na instituição inglesa o depoimento de Mildred, é extremamente expressivo do rebaixamento de profissões para as mulheres. Quando conversou com seu pai a respeito da uma futura carreira, este lhe responde com uma verdadeira sociologia dos cargos de mulher de bem. Pergunto então:

- Quer dizer, aqui na Casa Inglesa, só houve secretária ou bibliotecária.....

Mildred. - Porque no nosso tempo, não havia outra profissão p'ra mulher. Eu uma vez, meu pai perguntou o que eu queria estudar e eu respondi: "ENGENHARIA, ENGENHARIA MECÂNICA." E ele disse: "Ahn! Ahn! (não). Você nunca seria aceita, nunca. Há três possibilidades para a mulher: SECRETÁRIA- você é bilíngue e ganha bem e tem horas fixas. PROFESSORA - ganha mal e além do trabalho na escola, ela tem que levar o trabalho p'ra casa p'ra corrigir. ENFERMEIRA - e enfermeira, só viúva. Não ficava bem.... moça solteira." Não tinha escolha.

Com isso a Engenharia Mecânica desaparecerá por completo de sua vida que não lhe reservará nem a profissão de enfermeira, pois para tratar da intimidade de homens doentes somente sendo viúva como diz seu pai e, portanto, ser secretária é o que lhe resta. Bourdieu (1999:77) explica esta ilustração.

Penso por exemplo, na maneira pela qual os pais, professores e colegas desestimulam - ou melhor, não estimulam - a orientação das moças para certas carreiras, sobretudo as técnicas ou científicas: Os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então acabamos acreditando nisso..., Passam o tempo todo repetindo que as carreiras científicas são mais fáceis para os meninos. Então, forçosamente...(Bourdieu:1999:77).

O que o autor quer dizer é que é dito para as mulheres que elas não foram feitas para muitas coisas do mundo real, ou será que não teria sido que as coisas não foram feitas para elas? Após várias lutas femininas, as mulheres realizam o mesmo trabalho que os homens, mas não são reconhecidas na profissão. Portanto, o que Bourdieu diz é que a redistribuição de tarefas que a tecnologia trouxe tende a empobrecer o trabalho feminino e valorizar o masculino.

A despeito da discriminação pelo fato de terem sido secretárias, nas entrevistas, as mulheres inglesas não o admitiram, nem tampouco se sentiram rebaixadas. Cabe aqui uma explicação: em comparação com outras mulheres que não trabalhavam, por exemplo, as mulheres alemãs desta pesquisa, as inglesas se encontravam em grande vantagem e, portanto, não viam a profissão como subordinada. Veja o que diz Mildred a esse respeito.

Pergunto:

A senhora sentiu algum preconceito por ser mulher no seu trabalho alguma vez?

Mildred- Como assim?

- Alguma vez a senhora se sentiu passada p'ra trás porque era mulher?

M - Senti preconceito quando o homem falou: "...é apenas uma secretária..."

- A senhora se casou?

M - Não

- Nem teve filhos?

M - Não.

- Poderia ter tido...

M - Bem no meu tempo teria sido escandaloso. Hoje é aceito, né...(risadas), imagine no meu tempo!

- (risadas) É verdade, é verdade. Ainda é um pouco. Bem, a senhora trabalhou sempre na mesma companhia?

M - Não. Eu trabalhei primeiro no Frigorífico Wilson, depois eu trabalhei na Atlantic na companhia de gasolina. Depois eu fui p'ra Suécia.....depois eu voltei. Trabalhei 2 anos na General Motors mas não gostei.

- Tudo em São Paulo?

M- Sim. Muita burocracia, muita coisa.... Depois eu trabalhei em duas firmas pequenas, representantes de máquinas têxteis. E descobri que trabalhar em firma pequena a gente não "ganhe" (texto original) tanto, mas dá muito mais satisfação.... ...porque o serviço da gente é mais

valorizado E a gente tem autoridade. Numa firma muito grande a gente não tem autoridade p'ra nada. Na pequena, o chefe pode dizer: "Bom, eu vou viajar, você toma conta do negócio". E você tem que se virar!

Considerações Finais

No caso das mulheres aqui entrevistadas, particularmente, acrescentou-se o fator idade que, naturalmente definiu o universo para o qual convergiu a minha pesquisa. Esta variável mostrou-se digna de se investigar pelo fato de terem, as informantes, vivido em um outro contexto social permeado de situações históricas devastadoras, como por exemplo a guerra, que, fatalmente, iria influir na visão de mundo que tentaram me passar durante as entrevistas. Segundo E. Bosi,

o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem (...) ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico a imagem lembrada e a vigília atua (...) No quadro das noções gerais que não abandonam o homem, destacam-se as noções de espaço (aqui, lá, acima, dentro, fora, embaixo), as noções de tempo (agora, já, antes, depois, sempre, nunca, ontem, hoje, amanhã), as noções de causa e consequência (porque, para tal, tal que...(Bosi,1979:pp18-19).

Na verdade, são estas as categorias que a linguagem atualiza e possibilita para que o encaixe das lembranças seja o mais vívido possível.

A sobreposição dos espaços público e privado entre as duas comunidades estudadas ocorreu de maneira inversa, dado o favorecimento que o domínio da língua inglesa usufruía. Por esse motivo, a diáspora também surtiu efeitos opostos sobre as mulheres deste trabalho - as dificuldades que o deslocamento trouxe para umas, o aprendizado da *nova língua* a fixação no lar, a tentativa de ocultamento de uma cultura *hostil* ao mundo em tempos de guerra, e, para outras, as oportunidades oferecidas pela sua própria língua, o profissionalismo, o acolhimento incondicional na *nova cultura* que as recebia de braços abertos.

As diferenças de oportunidades na vida que as mulheres deste estudo tiveram revelaram que as relações de dominação estavam por trás das explicações das diferenças de gênero. Trabalhando com a transparência da linguagem, presente nas entrevistas, eu, como pesquisadora, colhia o depoimento na sua materialidade para então contrapô-lo com os fatores idade, gênero e bilinguismo. A fala feminina não só tem sofrido discriminação pelas diferenças discursivas com relação à fala do homem,

mas também pela supremacia de uma língua sobre outra independente de gênero. As duas comunidades desta pesquisa têm em comum o mesmo gênero e a mesma língua adotada: a língua portuguesa. No entanto, trazem na sua bagagem cultural e identidade línguas que possuem uma aceitação diferente em vista do capital linguísticos que têm ou não. Porém, devo enfatizar, aqui, que o deslocamento espacial a que a adoção de um novo país submeteu as mulheres da minha pesquisa repercutiu nas suas identidades ao longo do tempo. Mesmo se considerarmos que muitas das mulheres inglesas tenham nascido no Brasil, os ensinamentos de suas famílias perpetuaram sua formação, reiterando o fato de terem a posse de uma língua bem sucedida economicamente.

Digo isso porque, tendo as mulheres inglesas uma vida farta de oportunidades econômicas - desde que se observe, que essas oportunidades eram restritas ao que lhes era permitido pela sociedade, ou seja, obterem empregos considerados *femininos* pois aceitaram posições subordinadas no trabalho (secretárias) -, para elas foi mais fácil conviver com diferenças culturais, linguísticas e sociais. Em nenhum momento, a elas isso pareceu desvantajoso, o que me deixaram claro nas entrevistas. O dom de possuírem a língua do colonizador lhes abriu portas de aceitação e respeito social. O seu convívio com a cultura do país adotado (Brasil) foi sempre acompanhado pelos traços de *Englishness* que a cultura brasileira acolhia. Inegavelmente, esta reconhecia a superioridade britânica com a qual essas mulheres tinham sido contempladas, o que fazia parte intrínseca da personalidade dessas mulheres.

No que concerne às mulheres alemãs, a situação é completamente diferente. Sua língua não lhes deu oportunidades econômicas, principalmente por viverem na época devastadora da Guerra, em que a Alemanha não era bem-vista aos olhos do mundo, nem tampouco do Brasil, país aliado dos Estados Unidos. Como resultado, havia mais motivos para esconder a língua do que dela se orgulhar. Suas contribuições se limitaram às tarefas do lar, enquanto suas famílias (marido e filhos) eram absorvidas pelo mundo *lá de fora*. O processo de adaptação a que tiveram que se submeter foi seguramente mais difícil do que para as inglesas, o que as deixou sempre num estado de insegurança e incerteza.

Numa forma bem simplificada, eu diria que aquelas mulheres que apenas desenvolveram suas qualidades ditas *femininas* ou *do lar*, não obtiveram reconhecimento e mesmo as que puderam desenvolver seus dotes intelectuais e

capacidade profissional tiveram que conquistar seu espaço e, por conseguinte, seu valor.

Apesar da diversidade linguística ter definido a diferenciação entre as mulheres das duas instituições, elas apresentaram pontos em comum:

- seguiram seus maridos na luta pela sobrevivência,
- enalteceram a figura paterna,
- e, por se tornarem viúvas ou órfãs, vieram a ser residentes de instituições para idosos.

As mulheres deste estudo são enfim protagonistas, nesta altura da vida, de ações que não mais implicam nas demarcações sociais presentes nas suas vidas *lá fora*. As mulheres bilíngues alemãs e inglesas tinham chegado à velhice, mas, como tiveram o privilégio de ter tal etapa privatizada pelas instituições, sentem-se protegidas da senilidade pela aparência das novas condições. Foi interessante notar que o novo espaço proporcionou às mulheres alemãs não só o contato com a língua de suas origens, mas também, e talvez por isso, o resgate de suas identidades enfraquecidas e fragmentadas.

Nesse aspecto, as inglesas, dentro das instituições, passam a ocupar papéis sem privilégio nas relações sociais nesta etapa da vida - é de igual para igual, como é a característica proeminente da rotina das instituições de acolhimento nesta última fase da vida e, não mais o que haviam vivido quando suas línguas as diferenciaram de outras pessoas.

Ao analisar os dados sobre educação família, trabalho, preferência da língua que as mulheres alemãs e inglesas apresentaram, juntamente com suas narrativas paralelas, verifiquei que esses dados corroboram a hipótese inicial deste trabalho segundo as diferenças pelo valor desigual da língua. Apesar de compartilharem experiências similares, quer dizer, são mulheres bilíngues, migrantes, idosas, as diferenças nas trajetórias narradas se explicam pelo alto valor da língua que um dos grupos possuía.

Esta pesquisa não explora o tema do envelhecimento, mas, sem dúvida, a velhice identifica as entrevistadas e periodiza suas histórias. O conteúdo dos registros das entrevistas revela fatos não só de suas vidas como também do contexto econômico-social em que a posse da língua valorizada era o diferencial.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.
- BEARDSMORE, Hugo Baetens. *Bilingualism: Basic Principles*. Clevedon: Multilingual Matters, p.1-42, 1986.
- BOAS, Franz. *Race, Language and Culture*. New York: The Mac Millan Company, 1940.
- BOSI, Ecléa. Prefácio e Tempo de Lembrar. In: *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: Estudos Brasileiros, Vol.1.Editora: T.A.Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, PIERRE. *O que falar quer dizer* In Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Ltda, 1983.
- BOURDIEU, PIERRE, *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, PIERRE, *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BURTON, P, DYSON KUSHARI K. & ARDENER S. *Anthropological Approaches to Second-Language Use*. Oxford: Berg Oxford /Providence, 1992.
- BUTLER, J., *Gender Trouble, Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990.
- CASTRO, Regina Aurea Leão de. *Língua, Gênero e Dominação* 2001.139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Língua Inglesa, FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.
- COATES, J., *Women, Men & Language*. London: Longman, 1986.
- CRAWFORD M., *Talking Difference on Gender and Language*. London: Sage Publications, 1995.
- DEBERT, G., Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História Oral. In: *A Aventura Antropológica*, p 141-156, Ruth Cardoso (org.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
- _____, *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FOUCAULT, M. *Power & Knowledge: Selected Interviews and Other Writings*. New York: Pantheon, 1980.
- GEERTZ, C., *A Interpretação das Culturas*, p 7-41. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1989.
- GRADDOL, D. & SWANN, J. *Gender Voices*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

- JESPERSEN, O. The Woman. In: Cameron, D., *The Feminist Critique of Language*. London: Routledge, 1990.
- LAKOFF, R. *Language and Woman's place*. New York: Harper & Row, 1975.
- NICHOLS, P.C. Women in their speech communities. In: *Language, Communication and Education*. London: Routledge, 1980.
- O' BARR, W.M. & ATKINS, B.K. Women's language or powerless language? In : McConnell- Ginet, S. Borker, R. and Furman, N. (eds) *Women and Language in Literature and Society*. New York: Praeger, 1980.
- ORLANDI, E. *Princípios e Procedimentos*. São Paulo: Editora Pontes, 1999.
- PHILLIPSON, R. *Linguistic Imperialism*. Oxford: OUP, 1992.
- SPENDER, D. *Man Made Language*. London: Routledge and Kegan Paul, 1980.
- SWAN, J. *Girls, Boys & Language*. Oxford: Blackwell, 1992.
- WEST, C. *Discourse & Society*. London: Sage Thousand Oaks, vol.6, p 107-131, 1995.

Depoimentos

Casa Alemã – entrevistas de 4 senhoras de nacionalidade alemã coletadas entre 1999 e 2000.

Casa Inglesa – entrevistas de 8 senhoras de nacionalidade ou descendência inglesa coletadas entre 1999 e 2000.